



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – UEaD
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA INGLESA A DISTÂNCIA**



ANNY KAYONY PEREIRA DA SILVA

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA
INGLESA EM ESCOLAS PÚBLICAS NO BRASIL:
algumas considerações.**

Mamanguape/PB
2022

ANNY KAYONY PEREIRA DA SILVA

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA
INGLESA EM ESCOLAS PÚBLICAS NO BRASIL:
algumas considerações.**

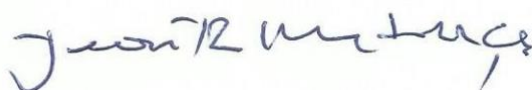
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Letras, UFPB – UEaD,
como requisito parcial para a obtenção do título
de Graduado em Letras – Inglês.

Mamanguape/PB
2022

ANNY KAYONY PEREIRA DA SILVA

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA EM ESCOLAS
PÚBLICAS NO BRASIL: algumas considerações.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Inglês da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Letras/Inglês, defendido e aprovado com nota **8,5** (oito vírgula cinco) pela banca examinadora constituída pelos professores:



Prof. Dr. Jeová Rocha de Mendonça – UFPB
Orientador/Presidente



Prof. Dra. Juliene Paiva de Araújo Osias – UFPB
Membro da Banca Examinadora



Prof. Dra. Sandra Maria Araújo Dias – UFPB
Membro da Banca Examinadora

Mamanguape, PB
2022

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA EM ESCOLAS PÚBLICAS NO BRASIL: algumas considerações.

RESUMO

O presente estudo, tem como objetivo principal analisar as principais dificuldades encontradas no ensino do inglês em escolas públicas como os professores dessas instituições podem vencer as adversidades encontradas na rede pública, incluindo ainda uma breve contextualização do ensino da Língua Inglesa no Brasil. Como metodologia adotada, temos por base uma pesquisa de cunho bibliográfico, com análise de gráficos e censos escolares disponíveis em *sites* do Governo Federal brasileiro.

Palavras-chave: Língua Inglesa; Aprendizagem; Ensino.

ABSTRACT

The present study, has as main objective to analyze the main difficulties encountered in the teaching of English in Brazilian public schools how teachers of these institutions can overcome the adversities encountered in the public network, including a brief contextualization of English language teaching in Brazil. We are based on bibliographic research, with analysis of graphs and school censuses available on websites of the Brazilian Federal Government.

Keywords: English language; Learning; Teaching

I. INTRODUÇÃO

Estudar inglês é, há algum tempo, um fenômeno global. Este é o principal idioma estudado em muitos países desenvolvidos e em desenvolvimento (PAIVA, 2005), como é o caso do Brasil e tantos outros que precisam do idioma em suas relações comerciais, para fins turísticos e científicos. Tais países interessam-se em promover o ensino desse idioma como uma forma de ter acesso à ciência e à tecnologia, ao comércio e turismo internacional e à ajuda militar e econômica (DAVEL, 2011).

Estudar a língua inglesa representa um grande negócio no Brasil (RAJAGOPALAN, 2004) e isso aumentou o interesse dos professores de inglês em melhorar seu desempenho em sala de aula, não somente nos centros de idiomas, mas também nas escolas de ensino regular que trabalham com o ensino da base curricular nacional para a educação básica. O ensino da Língua Inglesa, atualmente,

adquiriu uma importância um pouco maior que nos últimos anos. (RAJAGOPALAN, 2004)

Tanto em nível de Brasil quanto em nível mundial, é possível observar os avanços tecnológicos, as mudanças ocorridas, o aumento no uso de dispositivos eletrônicos, como celulares, *tablets*, computadores e jogos online, e, conseqüentemente, a necessidade da Língua Inglesa para facilitar o acesso a comunicação por esses meios.

Em se tratando de utilização da Língua Inglesa, vale ressaltar ainda que, para que se visitem novos países, sugere-se conhecer em alguma medida a língua materna do local. Nesse sentido, a Língua Inglesa aparece no cenário mundial como uma das principais línguas estrangeiras utilizadas dentro da sociedade atualmente para fins de turismo, já que, mesmo que, por exemplo, alguém que não fale polonês, ainda assim pode lançar mão da língua inglesa para conhecer este país.

Percebe-se, entretanto, que por muito tempo, a língua inglesa foi considerada segundo plano para a educação brasileira, afinal, os professores não possuíam uma formação adequada, e a Língua Inglesa estava entre rol das disciplinas apenas para complementar a carga horária curricular dos alunos. Hoje se observa uma mudança significativa nessa realidade, pois torna-se evidente a necessidade de os educandos aprenderem uma língua estrangeira, e com certa prioridade o inglês.

Nesse contexto, esse trabalho mostrará alguns aspectos que identificam as principais dificuldades na aprendizagem da Língua Inglesa nas escolas públicas brasileiras, de acordo com a pesquisa realizada. Com base nesses pressupostos, refletiremos sobre fatores que contribuem para as dificuldades na aprendizagem da Língua Inglesa, levando em consideração a formação dos professores, o ambiente educacional, recursos e materiais utilizados e os métodos de ensino da língua inglesa mais viáveis.

Portanto, este trabalho tem por objetivo geral analisar as principais dificuldades encontradas no ensino do inglês em escolas públicas, discutir como os professores dessas instituições podem vencer as adversidades encontradas na rede pública, analisar uma breve contextualização do ensino da Língua Inglesa no Brasil e os métodos de ensino mais propícios para enfrentar as dificuldades no ensino-aprendizagem dessa língua.

II. A LÍNGUA INGLESA NA REDE (PÚBLICA) DE ENSINO: O QUE DIZEM OS ESPECIALISTAS.

Conrad e Fishman (1897), afirmam que o inglês é a língua nativa em 12 países, em 11 países é a única língua oficial, em 14 países é a segunda língua oficial e em 8 países possui algum status oficial. Diante desses dados é possível observar como a Língua Inglesa propagou-se em boa parte do mundo, e que até mesmo nos países em que ela não sofreu grandes influências, ela encontra-se presente.

Ao longo dos anos, com o crescimento da tecnologia, alta exigência educacional nos processos seletivos de emprego, maior incidência de viagens internacionais, entre outros motivos, o inglês expandiu e passou a ser mais presente em todos os campos. Ventura (1989) já afirmava:

O inglês é uma epidemia que contamina 750 milhões de pessoas no planeta. Essa língua sem fronteiras está na metade dos 10.000 jornais do mundo, em mais de 80% dos trabalhos científicos e no jargão de inúmeras profissões, como a informática, a economia e a publicidade.

Entre os motivos para que a Língua Inglesa seja disseminada em outros países aponta-se o “acesso à ciência e a tecnologia ocidental e ao comércio e turismo internacional e ajuda militar e econômica” (GREENBAUM, 1985, p.10).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais- PCN (BRASIL,1998), a Língua Inglesa foi inserida no currículo das escolas brasileiras por vários motivos, sendo que um deles é a influência dos Estados Unidos que aumentou ao longo dos anos:

O Inglês representa um grande papel em função do poder e da influência da economia Norte Americana. Essa influência cresceu ao longo deste século, principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial, e atingiu seu apogeu na chamada Sociedade Globalizada e de alto nível tecnológico, em que alguns indivíduos vivem neste final de século. O Inglês, hoje, é a língua mais usada no mundo dos negócios, e em alguns países como Holanda, Suíça e Finlândia, seu domínio é praticamente universal nas Universidades (BRASIL, 1998, p.23).

No Brasil, conforme Rosa (2006), o decreto de 22 de junho de 1809 marca o início do ensino de línguas estrangeiras no Brasil, conforme se constata na citação abaixo:

“Este foi assinado pelo príncipe Regente de Portugal D. João VI, recém-chegado ao Brasil, que mandou criar uma cadeira de Língua Francesa e outra de Língua Inglesa. Entretanto, a carta régia de janeiro de 1811, criava o lugar

de intérprete de línguas na Secretaria do Governo de Bahia.” (ROSA, 2006, p. 11)

Ao enfatizar a influência que o inglês exerce em muitos países, percebeu-se também que no Brasil, a Língua Inglesa está presente em todos os ambientes, como: marcas de eletrônicos, roupas, comidas, bebidas, lojas, nomes comerciais e filmes.

Visualizando o mundo atual e a supervalorização atribuída ao inglês, e principalmente a influência de outros países como a Inglaterra, por exemplo, é determinada a inclusão da Língua Inglesa nas escolas públicas brasileiras, tanto no ensino fundamental, quanto no ensino médio. Neste sentido, o PCN (BRASIL, 1998) destaca alguns fatores que tiveram importância para a inserção das aulas de Língua estrangeira nas escolas.

O primeiro deles é a função que ela desempenha na sociedade, ou seja, para a língua ser ensinada nas escolas públicas do Brasil leva-se em consideração o uso da língua pela população. O Segundo aspecto é a habilidade mais destacada de ensino na maioria das escolas do Brasil, a leitura de literatura técnica, levando em conta a utilização em vestibulares e admissão em cursos de pós-graduação, que se exige somente a habilidade de leitura.

Portanto, para se ter êxito segundo o PCN (BRASIL, 1998), é necessário lembrar sempre do papel formativo que uma língua estrangeira desempenha no currículo, refletir acerca da função social da língua na formação dos estudantes e das limitações impostas pelas condições de aprendizagem.

É possível constatar que a língua estrangeira é de extrema importância para a formação dos alunos, pois é ela que possibilita a inserção do aprendiz em uma cultura diferenciada. Por meio dela também o aluno perceberá as diferenças em relação ao outro como cidadão, além de existirem muitos pontos positivos relacionados a aprendizagem, o PCN (cf. BRASIL, 1998, p. 28-29) ainda acrescenta mais benefícios de estudar a Língua Inglesa:

Aumentar o conhecimento sobre linguagem que o aluno construiu sobre sua língua materna, por meio de comparações com a língua estrangeira em vários níveis; [...] possibilitar que o aluno, ao se envolver nos processos de construir significados nessa língua, se constitua em um ser discursivo no uso de uma língua estrangeira.

A oportunidade permite ao sujeito não só se comunicar em outro idioma, mas se aproximar do saber acumulado por diferentes civilizações.

Não faltam, portanto, justificativas para que idiomas estrangeiros, especialmente a língua inglesa, mereçam atenção. As Secretarias de Educação reconhecem isso e tentam expandir o

ensino com a implantação de centros de línguas (em cada lugar eles recebem uma nomenclatura própria), que replicam na rede pública, a estrutura e o sistema das escolas particulares voltadas a esse fim.

De acordo com o Ministério da Educação, os centros vêm crescendo em todo o país, e uma comissão do Ministério da Educação (MEC) estuda expandir a iniciativa. A proposta, a princípio, é positiva, mas há uma dissonância que precisa ser debatida. Enquanto as redes criam cursos no contraturno, pouco é feito para melhorar a qualidade da disciplina de Língua Estrangeira oferecida na grade regular, sobretudo na escola pública.

Mesmo sendo de extrema importância, o ensino da Língua Inglesa nas escolas ainda é possível notar a gritante dificuldade de aprendizagem não somente no que diz respeito ao aprendizado do aluno, como também no que diz respeito ao ensino oriundo do profissional.

Almeida (2019) nos mostra que, no Brasil, muitos estudantes da rede pública chegam ao 6º ano do Ensino Fundamental, quando a disciplina de Língua Estrangeira passa a ser ministrada, sem nenhum contato com a experiência formal de aprender um novo idioma, o que impacta o planejamento do curso, a produção de materiais e a condução das aulas.

As dificuldades são reconhecidas oficialmente, e o próprio PCN, ao mesmo tempo que admite ser fundamental saber outro idioma, reforça que "deve-se considerar também o fato de que as condições na sala de aula da maioria das escolas brasileiras (...) podem inviabilizar o ensino das quatro habilidades comunicativas". Por causa disso, coloca o foco na leitura e na formação cultural e permite incluir, dependendo das condições, a compreensão oral e a produção escrita.

O ensino de língua inglesa é comum em escolas públicas há alguns anos. No entanto, é difícil ouvir alguém afirmar que se tornou fluente no idioma por conta disso. A maioria das pessoas passa pelas aulas e, ainda assim, não pode dizer que conseguiu aprender inglês. É como se houvesse uma barreira entre os alunos e o aprendizado de inglês na escola pública.

Existe também a influência da vulnerabilidade social que faz com que o aluno não acredite que possa precisar do inglês. Segundo Camilo, (2017):

Ainda existe a mentalidade de que falar uma segunda língua é algo para pessoas ricas. Assim, alunos que não se veem desse lado da moeda se sentem desconectados do ensino. Nesse ponto, a escola precisa mostrar a eles que aprender inglês pode ajudá-los a voar mais alto. Mas também precisa garantir assistência para que tenham o mínimo disponível para conseguir estudar (CAMILO, 2017).

Ainda dentro do contexto acima, é difícil achar que alguém precisa aprender inglês quando ninguém ao seu redor fala o idioma. Se os alunos não convivem com a língua, dificilmente o aprendizado será natural. Por isso, é preciso introduzir o inglês nas vidas deles o quanto antes. Apresentar, no contexto escolar, filmes, músicas, séries, jogos e aplicativos aos quais eles possam ter acesso facilmente pode ser uma boa iniciativa.

Estudiosos apontam algumas soluções, como aumentar a carga horária mínima, dividir as turmas de modo a atender 15 crianças e adolescentes por sala e exigir que os professores sejam licenciados em Letras e tenham, de fato, conhecimento do idioma. Outra sugestão é que os governos analisem experiências bem-sucedidas e estudem como replicar no maior número de escolas práticas que já funcionam. Uma outra possível solução é rever os métodos de ensino.

III. ABORDAGENS DIDÁTICAS NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: PRÓS E CONTRAS.

Na sociedade atual e globalizada, onde há um predomínio da tecnologia, vivemos uma época em que a informação circula com grande rapidez, em todos os lugares. Em consequência disso, saber comunicar-se não só por meio da língua materna, mas por meio de uma língua estrangeira é essencial. Nesse sentido, a escola desempenha um importante papel no que diz respeito à formação dos alunos para o futuro, e por isso, precisa preocupar-se cada vez mais com a construção e formação de conhecimentos mais aprofundados.

Segundo Almeida Filho (2005, p. 13):

Para produzir impacto (perceptível), mudanças (profundas) e inovações (sustentadas) não são suficientes apenas alterações no material didático, mobiliário, nas verbalizações do desejável pelas instituições, nas técnicas renovadas e nos atraentes recursos audiovisuais. São cruciais novas compreensões vivenciadas da abordagem de aprender dos alunos e da abordagem de ensinar dos professores. (ALMEIDA FILHO, 2005 P.13)

É preciso também que os alunos consigam compreender a importância de possuir conhecimento de uma língua estrangeira, já que a função da língua vai além do que é ensinado em sala de aula, incluindo uma socialização com outros indivíduos e conhecimento de outras culturas.

Ainda ressaltando os fatores que contribuem para se ter um bom desempenho na aprendizagem de uma segunda língua, o PCN (1998, p.20) destaca que é necessário um

processo contínuo, ou seja, o aluno deve estudar do ensino fundamental ao ensino médio uma língua estrangeira e não várias línguas a cada série.

Ao pensar na aprendizagem de uma língua estrangeira dentro das quatro habilidades (ler, escrever, falar e ouvir) os aprendizes teriam um ótimo domínio dessa língua, isso aconteceria se essas habilidades fossem concretizadas, só que nesse contexto há uma grande deficiência, pois, uma das habilidades priorizadas é a escrita.

Em relação ao professor, é perceptível a falta de profissionais qualificados ou a formação não adequada deles para atuarem no ensino de línguas estrangeiras

Perin (2005) afirma que:

O professor trabalha com a sensação de que o aluno não crê no que aprende, demonstrado na indisciplina e no menosprezo pelo que o professor se propõe a fazer durante aula. Por outro lado, os alunos mostram-se cientes de que o professor, por não desenvolver um programa global, contínuo e progressivo [...], não se sente à vontade para ‘cobrar’ dos alunos os conteúdos de forma mais efetiva, por estar consciente do provável fracasso deles. (PERIN,2005)

A dificuldade em se adotar uma única abordagem metodológica como norteadora das práticas é sempre um desafio para o professor. Dúvidas sobre como adaptar um determinado conjunto de pressupostos teóricos a um grupo específico e, dentro deste grupo específico, como lidar com as diferenças individuais parecem apontar para uma necessidade de se olhar com cuidado para modelos tidos como pacotes prontos para serem usados. Parece não haver corrente teórica, ou mesmo um conjunto delas em que se consiga pautar um trabalho sólido e satisfatório.

A instituição escolar, mais precisamente o educador, coleciona desafios na tentativa de cumprir a missão de transferir conhecimento aos seus alunos. Problemas de remuneração, professores despreparados, educadores e educandos desmotivados, greves, altos índices de indisciplina, falta de recursos, e outros tantos fatores já comumente conhecidos e debatidos, que, quando somados, são barreiras quase intransponíveis no processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com Almeida Filho (2005):

A desvalorização da disciplina de Língua Inglesa não é uma questão inventada pelos alunos, é decorrente, muitas vezes, do modo como a matéria é vista pela própria Gestão Escolar, o que pode ser rapidamente constatado nas reuniões pedagógicas e conselhos de classe. Em situações como essa, o professor precisa mostrar o valor de sua disciplina no mundo globalizado em que vivemos, defendê-la com argumentos e exemplos reais do cenário econômico,

salientar as oportunidades que esse conhecimento gera e não aceitar que a atribuam uma importância secundária (ALMEIDA FILHO, 2005).

Outro fator relevante é conseguir transmitir aos alunos a importância de dominar uma segunda língua, sobretudo, o inglês. Infelizmente, observa-se nas conversas entre alunos que, boa parte deles não tem grandes perspectivas com relação ao futuro e, portanto, não conseguem compreender essa necessidade do aprendizado, porque o uso da Língua Inglesa não faz parte da realidade deles e nem das pessoas com quem convivem.

Weininger (2001, p.41) define ainda algumas metas, com um olhar direcionado para o futuro sobre alguns aspectos que deveriam ser repensados principalmente no que diz respeito a “mudanças nas abordagens didáticas no ensino de língua estrangeira; mudanças no próprio objeto de ensino; mudanças no papel do aluno, do professor e do material didático”.

Para que seja atingido o objetivo de ensino da Língua Inglesa, e superadas as adversidades e dificuldades nessa transmissão de saberes, o professor pode utilizar de metodologias variadas e metodologias de ensino disponíveis. Sempre ressaltando que o melhor método é aquele que há efetividade e que cada professor deve avaliar e se perceber neles, ponderando aquilo que pode mudar, aperfeiçoar ou manter em sua prática, de acordo com seu contexto de atuação.

O Método da Gramática – Tradução, mais conhecido como Método Tradicional, foi a maneira encontrada para se trabalharem línguas clássicas como o grego e o latim, ensinadas nas escolas até meados do século XX (CHASTAIN, 1988). O enfoque do ensino e da aprendizagem girava em torno da tradução e da versão de textos literários, já que o método era usado para auxiliar os alunos na leitura destes textos em língua estrangeira. Tais textos literários eram considerados de nível superior por contribuírem como o conhecimento sobre a cultura da língua estrangeira, aqui vista somente com o estudo das artes em geral.

O professor—transmissor, neste escopo, colocava-se como a peça central da sala, pois detinha o saber, e pouca iniciativa era atribuída aos alunos. Sendo a autoridade em sala de aula, o professor corrigia os alunos para que sempre obtivessem a resposta correta. Portanto, ambos assumem uma postura tradicional, uma vez que o professor é o detentor do saber e o aluno é um mero aprendiz que realiza as atividades exatamente conforme orientado. Além disso, a interação acontece sempre do professor para o aluno.

Ao contrário do método da Gramática e da Tradução, o Método Direto diminui totalmente o valor do uso da primeira língua e enfatiza o uso da língua alvo em sala de aula. O “pensar na língua estrangeira” é a norma, assim como a comunicação, em seu sentido mais amplo. A leitura

segue sendo uma das habilidades privilegiadas, porém seu desenvolvimento caminha junto com a habilidade da fala e a aquisição de vocabulário por meio dos textos e das situações propostas.

Para evitar a tradução e incentivar o uso da língua estrangeira, o professor usa imagens, demonstrações, pantomimas e regalia (objetos e atividades provenientes de contexto real de uso da língua estrangeira). Inclusive, o currículo é baseado em situações e não em pontos gramaticais, e a pronúncia dos alunos é trabalhada desde o início dos estudos.

Segundo Celce-Murcia (2001), no Método Direto, apesar de o professor direcionar as atividades, o aluno tem um papel mais ativo na própria aprendizagem do que no Método Tradicional. Professores e alunos são parceiros na interação e os professores auxiliam os aprendizes da língua a se autocorrigirem, geralmente apresentando a opção errada do aluno e a correta na forma de pergunta.

O Método Audi lingual também privilegia o desenvolvimento das habilidades orais, assim como o Método Direto. Seus pressupostos teóricos baseavam-se nos princípios da linguística estrutural (FRIES, 1945) e da psicologia comportamentalista (PAVLOV, 1927), o Método Audi lingual posiciona o professor no centro do processo, dirigindo e controlando o comportamento linguístico do aluno. O professor é o modelo de uso linguístico que os aprendizes da língua imitam. Dessa forma, o professor é como o líder de uma orquestra: conduz, orienta e controla o desempenho dos seus alunos (CELCE-MURCIA, 2001:37).

Na sequência temos a proposta da chamada Abordagem Comunicativa. Segundo Brown (2001), o professor que faz uso da Abordagem Comunicativa passa a ser um mediador da aprendizagem; promove situações efetivas de uso da língua e atua como um conselheiro dos aprendizes. Encoraja a cooperação entre os alunos e a comunicação entre eles por meio de atividades, jogos e dramatizações, entre outros, de forma que se preocupem não somente com o que dizer, mas como fazê-lo.

Por volta das décadas de 70 e 80 do século XX, alguns professores e linguistas perceberam que os alunos eram capazes de produzir sentenças gramaticalmente corretas muitas vezes, mas poucos as utilizavam em situações realmente comunicativas e reais fora da sala de aula. (CUNHA, 2003)

Ficou claro, portanto, que a comunicação, entendida como um todo, e não somente a fala, requeria mais do que simplesmente o conhecimento das regras.

Diante dos métodos exposta, permanece a pergunta: qual a melhor abordagem para fazer frente às dificuldades do ensino da Língua Inglesa nas escolas públicas do Brasil? Como acabamos de ver, muito já se discutiu no âmbito do ensino de línguas estrangeiras quanto e qual seria a método ideal de ensinar ou de aprender, o que fazer e como fazer para alcançar

resultados. Segundo Silva (2004:2), “os métodos e as abordagens são apresentados como soluções para problemas de ensino que podem ser aplicados em qualquer lugar e em qualquer circunstância”.

Conforme afirmação de Gadner e Lambert (1972, citados por Gómez, 1999), para que alguém aprenda é necessário que ele queira aprender. Ninguém consegue ensinar nada a uma pessoa que não quer aprender. Por isso é muito importante que o professor saiba motivar os seus alunos.

Através de uma variedade de recursos, métodos e procedimentos, o professor pode criar uma situação favorável à aprendizagem. Para criar essa situação o professor deve:

- Conhecer os interesses atuais dos alunos para mantê-los ou orientá-los;
- Buscar uma motivação suficientemente eficiente, forte e duradoura, para conseguir do aluno uma atividade interessante e alcançar o objetivo da aprendizagem.

Entre motivação e aprendizagem existe uma mútua relação e ambas se reforçam. O antigo método em que o professor se utiliza da fala expositiva durante horas, que na verdade cansa e irrita, não prende a atenção, nem desperta a curiosidade e o interesse do aluno, enfim, não contribui para um eficiente aprendizado, apenas massacra e o desgasta.

Segundo Davis e Oliveira (1994), a consciência do indivíduo de duas necessidades é a própria motivação. Assim, as metas, os valores e os propósitos ou objetivos do aluno influenciam para um determinado esforço dele. Tudo que um aluno acredita que é importante para ele em algum aspecto, com certeza ele se empenhará. Se esforçando mais neste intuito.

Inúmeros fatores afetam no processo de aprendizagem de um aluno. Dá-se exagerada importância ao processo de ensinar e não tanto ao processo de aprender. Se o primeiro fosse mais importante do que o segundo, todos os alunos de uma determinada sala de aula deveriam aprender ao mesmo tempo, pois o professor transmite o mesmo conteúdo para todos.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração do presente estudo, através das pesquisas bibliográficas realizadas, tanto com autores nacionais quanto autores estrangeiros, teve em sua principal discussão algumas dificuldades e o caminho que o ensino da língua inglesa tem tomado.

Focando no cenário nacional, foi possível questionarmos como as dificuldades de aprendizagem dessa língua são tão evidentes no dia a dia em escolas públicas brasileiras, questões técnicas, como atualização de recursos materiais didáticos e infraestrutura das escolas, até cursos de aperfeiçoamento onde os professores possam, entre outros, discutir e implementar seus métodos de ensino. Diante do exposto, concluímos que o aprendizado de um novo idioma representa, de modo geral, uma vantagem não somente para questões competitivas e profissionais, bem como representa uma forma de inserção no mundo globalizado, seja no quesito profissional como pessoal. No entanto, o início, bem como a continuidade nesse processo pode significar uma grande dificuldade na vida de muitas pessoas devido ao chamado “bloqueio no aprendizado”.

Este “bloqueio” advém, em sua maioria, de uma série de fatores psicológicos e/ou metodológicos que levam o aluno a adquirir uma ideia de que possui “bloqueio” nessa área propriamente dita, ou mesmo que não possui capacidade para aprender uma nova língua.

Fica-se sempre a impressão de que, o inglês apenas está sendo passado por ser obrigatório, mas não há de fato uma importância real em ensinar o inglês em salas de aula pelo Brasil em suas escolas públicas.

Em contrapartida, há uma urgente necessidade de que os docentes se atualizem constantemente e possam estar passando a disciplina de maneira clara e atrativa para os alunos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Dimensões comunicativas no ensino de línguas. 4. Ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília: MEC, 1998.
- BRASIL, LDB. Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em < www.planalto.gov.br>. Acesso em: 01 set 2014.
- BROWN, H. D. Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy. New York: Longman, 2001.

- CAMILO, Camila. Os desafios do ensino da língua inglesa. <https://novaescola.org.br/conteudo/247/doiis-pesos-e-duas-medidas-no-ensino-de-lingua-estrangeira>.
- CELCE-MURCIA, M. Teaching English as a Second or Foreign Language. Boston: Heinle & Heinle-Thomson, 2001.
- CHASTAIN, K. Developing Second Language Skills. CA: Harcourt Brace Jovanovich, 1988.
- CONRAD, Andrew W., FISHMAN, Joshua A. English as a world language. In FISHMAN, Joshua A., COOPER, Robert L., CONRAD, Andrew W. The spread of
- CUNHA, M. J. C. (Org.). Caminhos e colheitas no ensino de inglês no Brasil. Brasília: Editora da UnB, 2003. English. Rowley Massachusetts: NewburyHouse, 1997. p. 3-76. *2
- DAVEL, Marcos Alede Nunes. O inglês na educação básica: Um desafio para o professor. 2016. Revista X Volume I Pag. 102. UFPR.
- DAVIS, C, OLIVEIRA, Z. de. *Psicologia da Educação*. 2.ed. São Paulo: Cortez Editora, 1994.
- FRIES, C. Teaching and Learning English as a Foreign Language. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1945
- GARDNER, R. C; LAMBERT, W. E. *Attitudes and Motivation in Second Language Learning*. Massachusetts: Newbury House Publishers, 1972.
- GREENBAUM, Sidney (Ed.) The English language today. Oxford: Pergamon Institute of English, 1985.
- PAVLOV, I. P. Conditioned reflexes: an investigation of the physiological activity of the cerebral cortex. Oxford: Oxford University Press, 1927.
- PERIN, Jussara. O. R. Ensino/ aprendizagem de língua inglesa em escolas públicas: o real e o ideal. In: Gimenez, T.; JORDÃO, C. M.; ANDREOTTI, V. (orgs.). Perspectivas Educacionais e ensino de inglês na escola pública. Pelotas: EDUCATT, 2005. P. 143-157.
- RAJAGOPALAN, k. Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- REVISTA QUERUBIM – revista eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais – Ano 03 Nº 04 – 2007. P. 131. ISSN1809-3264
- ROSA, Ilka Ramires Da. Experiência Metodológica No Ensino E Aprendizagem Da Língua Inglesa. Criciúma, 2006.
- SILVA, G. A. A Era Pós-Método: novas concepções no ensino de línguas – o professor como um intelectual. In: Linguagem e Cidadania. Santa Maria, RS, v. 12, p.p.15, 2004.
- VENTURA, Mauro. Yes, nós também falamos inglês. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 23 abr.1989. Domingo. Pg. 34-39.
- WEININGER, Markus J. Do aquário em direção ao mar aberto: mudanças no papel do professor e do aluno. In LEFFA, Vilson. O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão, Pelotas: Educat, 2001, p.41-68.